

O Evangelho segundo o Espiritismo



Allan Kardec

CAPÍTULO II – Meu Reino não é deste mundo

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Índice

Capítulo II – Meu Reino não é deste mundo.	03
A vida futura	03
Na construção do futuro	05
A realeza de Jesus	06
Jesus não é Deus	07
O ponto de vista	08
A alma humana	10
Examinadores	12
Instruções dos Espíritos. Uma realeza terrestre.	13
Felicidade e Jesus	14
Parábolas de Jesus: O tesouro escondido e a pérola oculta	15

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec Capítulo II – meu reino não é deste mundo

I. A VIDA FUTURA

1. Pilatos, tendo entrado de novo no palácio e feito vir Jesus à sua presença, perguntou-lhe: **“És o rei dos Judeus?”** Respondeu-lhe Jesus: **“Meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse desse mundo, a minha gente houvera combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas o meu reino ainda não é aqui.”**

Disse-lhe então Pilatos: “És, pois, rei?” Jesus lhe respondeu: “Tu o dizes; sou rei; não nasci e não vim a este mundo senão para dar testemunho da verdade.

Aquele que pertence à verdade escuta a minha voz.”

(João, 18:33, 36 e 37.)

2. Por essas palavras, Jesus claramente se refere **à vida futura**, que Ele apresenta, em todas as circunstâncias, como a meta a que a Humanidade irá ter e como devendo constituir objeto das maiores preocupações do homem na Terra. Todas as suas máximas se reportam a esse grande princípio. Com efeito, sem a vida futura, nenhuma razão de ser teria a maior parte dos seus preceitos morais, donde vem que os que não creem na vida futura, imaginando que Ele apenas falava na vida presente, não os compreendem, ou os consideram pueris.

Esse dogma pode, portanto, ser tido como o eixo do ensino do Cristo, pelo que foi colocado num dos primeiros lugares à frente desta obra. É que ele tem de ser o ponto de mira de todos os homens; só ele justifica as anomalias da vida terrena e se mostra de acordo com a justiça de Deus.

3. Apenas ideias muito imprecisas tinham os judeus acerca da vida futura. Acreditavam nos anjos, considerando-os seres privilegiados da Criação; não sabiam, porém, que os homens podem um dia tornar-se anjos e partilhar da felicidade destes. Segundo eles, a observância das leis de Deus era recompensada com os bens terrenos, com a supremacia da nação a que pertenciam, com vitórias sobre os seus inimigos. As calamidades públicas e as derrotas eram o castigo da desobediência àquelas leis. Moisés não pudera dizer mais do que isso a um povo pastor e ignorante, que precisava ser tocado, antes de tudo, pelas coisas deste mundo. Mais tarde, Jesus lhe revelou que há outro mundo, onde a justiça de Deus segue o seu curso. É esse o mundo que ele promete aos que cumprem os mandamentos de Deus e onde os bons acharão sua recompensa. Aí o seu reino; lá é que ele se encontra na sua glória e para onde voltaria quando deixasse a Terra.

Jesus, porém, conformando seu ensino com o estado dos homens de sua época, não julgou conveniente dar-lhes luz completa, percebendo que eles ficariam deslumbrados, visto que não a compreenderiam. Limitou-se a, de certo modo, apresentar a vida futura apenas como um princípio, como uma lei da Natureza a cuja ação ninguém pode fugir. Todo cristão, pois, necessariamente crê na vida futura; mas, a ideia que muitos fazem dela é ainda vaga, incompleta e, por isso mesmo, falsa em diversos pontos. Para grande número de pessoas, não há, a tal respeito, mais do que uma crença, balda de certeza, absoluta, donde as dúvidas e mesmo a incredulidade.

O Espiritismo veio completar, nesse ponto, como em vários outros, o ensino do Cristo, fazendo-o quando os homens já se mostram maduros bastante para apreender a verdade. Com o Espiritismo, a vida futura deixa de ser simples artigo de fé, mera hipótese; torna-se uma realidade material, que os fatos demonstram, porquanto são testemunhas oculares os que a descrevem nas suas fases todas e em todas as suas peripécias, e de tal sorte que, além de impossibilitarem qualquer dúvida a esse propósito, facultam, a mais vulgar inteligência a possibilidade de imaginá-la sob seu verdadeiro aspecto, como toda gente imagina um país cuja pormenorizada descrição

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

leia. Ora, a descrição da vida futura é tão circunstanciadamente feita, são tão racionais as condições, ditosas ou infortunadas, da existência dos que lá se encontram, quais eles próprios pintam, que cada um, aqui, a seu mau grado, reconhece e declara a si mesmo que não pode ser de outra forma, porquanto, assim sendo, patente fica a verdadeira justiça de Deus.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Elucidações de Emmanuel

Nº 252 – 18/03/2012

O Consolador

I. A vida futura

Na construção do futuro

“Respondeu Jesus: **O meu reino não é deste mundo**”

(Jesus. João, 18:36.)

“Todo cristão, pois, necessariamente crê na vida futura, mas a ideia que muitos fazem dela é ainda vaga, incompleta e, por isso mesmo, falsa em diversos pontos. Para grande número de pessoas, não há, a tal respeito, mais do que uma crença, balda de certeza, absoluta, donde as dúvidas e mesmo a incredulidade. O Espiritismo veio completar, nesse ponto, como em vários outros, o ensino do Cristo, fazendo-o quando os homens já se mostram maduros bastante para apreenderem a verdade.”

(O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo 11, item 3)

Esperavas pelos irmãos do caminho a fim de te entregares à construção da Terra melhor e quedas-te, muita vez, em amargoso desalento porque tardem a vir.

Observa, porém, a estrada longa da evolução, para que o entendimento te pacifique. Milhares deles são corações de pensamento verde que te rogam apoio e outros muitos seguem trilha adiante, inibidos por névoas interiores que desconhecem.

Repara os que se renderam às lágrimas excessivas. Choraram tanto que turvaram os olhos, não mais divisando os companheiros infinitamente mais desditosos a lhes suplicarem auxílio nas vascas da aflição.

Contempla os que passam vaidosos, sem saberem utilizar, construtivamente, os favores da fortuna. Habitaram-se tanto às enganosas vantagens da moeda abundante que perderam o senso íntimo.

Enumera os que se embriagam do poder transitório. Abusaram tanto da autoridade que caíram na exaltação da paranoia sem se darem conta disso.

Relaciona os que asseveram amar, transformando a afetividade no egoísmo envolvente. Apaixonaram-se tanto por criaturas e cousas, cultivando exigências, que deliram positivamente sem perceber.

Anota os que avançam hipnotizados pelas dignidades que receberam do mundo. Fascinaram-se tanto pelas honras exteriores que olvidaram os semelhantes a quem lhes compete o dever de servir.

Nenhum deles se atrasou por maldade. Foram vítimas da ilusão que, frequentemente, se agiganta qual imenso nevoeiro na periferia da vida, mas regressarão depois à verdade triunfante para atenderem às tarefas que realizas.

Para todos eles que ainda não conseguiram chegar à grande renovação é compreensível o adiamento do trabalho a fazer. Entretanto, nada nos justificaria desânimo ou deserção na Obra do Cristo, porque, embora estejamos consideravelmente distantes da sublimação necessária, transportamos conosco o raciocínio lúcido e liberto no sustento da fé.

Emmanuel, Livro da Esperança, (psicografia Chico Xavier.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

II. A REALEZA DE JESUS.

4. Que não é deste mundo o reino de Jesus todos compreendem, mas também na Terra não terá Ele uma realeza? Nem sempre o título de rei implica o exercício do poder temporal. Dá-se esse título, por unânime consenso, a todos aqueles que, pelo seu gênio, ascende à primeira plana numa ordem de ideias quaisquer, a todo aquele que domina o seu século e influi sobre o progresso da Humanidade. É nesse sentido que se costuma dizer o rei ou príncipe dos filósofos, dos artistas, dos poetas, dos escritores etc.

Essa realeza, oriunda do mérito pessoal, consagrada pela posteridade, não revela, muitas vezes, preponderância bem maior do que a que cinge a coroa real? Imperecível é a primeira, enquanto esta outra é joguete das vicissitudes; as gerações que se sucedem à primeira sempre a bendizem, ao passo que, por vezes, amaldiçoam a outra. Esta, a terrestre, acaba com a vida; a realeza moral se prolonga e mantém o seu poder, governa, sobretudo, após a morte. Sob esse aspecto não é Jesus mais poderoso rei do que os potentados da Terra? Razão, pois, lhe assistia para dizer a Pilatos, conforme disse: **“Sou rei, mas o meu reino não é deste mundo.”**

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Crônicas e Artigos

Nº 502 – 05/02/2017

O Consolador – (Hugo Alvarenga Novais)

II. A Realeza de Jesus

Jesus não é Deus

Para os que se atêm unicamente aos ensinamentos do Divino Mestre, torna-se irrelevante a questão d'Ele ser Deus ou não.

Ao elucidar este ponto, não desejamos rebaixar a realeza do Cristo que disse:

“meu reino não é deste mundo”

(João 18:36).

Pelo contrário, queremos esclarecer sobre o lugar em que sempre se colocou.

O apóstolo João, disse-nos que Deus é Espírito (João 4:24), para nós, a Suprema Divindade é a causa primária de todas as coisas.

Não podemos dar nenhuma dessas duas definições ao Messias; não é mesmo? Outra coisa: o Criador disse não caber num Templo (1 Reis 8:27), assim sendo, é impossível que Ele caiba num limitado corpo humano. Além de tudo, o Altíssimo afirma-nos não mudar (Malaquias 3:6). Como então o mesmo poderia ser Jesus?

Em vários trechos bíblicos, o Meigo Rabi usa a expressão “Meu Pai e vosso Pai”.

“Meu Deus e vosso Deus”, fazendo assim uma distinção inequívoca de serem, Ele (Jesus) e Deus (O Pai Maior), duas individualidades absolutamente distintas.

No célebre Sermão do Monte, recomenda-nos ser perfeitos como Deus O é (Mateus 5: 48), não porém como Ele mesmo.

Numa evidente demonstração de que o Pai e Ele são dois seres, não um.

O que também se confirma em sua crucificação quando restitui o seu Espírito a Deus (Lucas 23: 46).

Ainda na Bíblia, um pouco mais à frente, quando esta mostra-nos um jovem que quer seguir a Jesus, ao dizer-lhe que era bom, vemos a Sua imediata correção dizendo que somente o Pai era (Mateus 19:17).

Se Jesus e o Criador fossem um só, esta emenda não teria sido feita.

A submissão do Filho ao Pai é corroborada por Paulo de Tarso, quando este afirma em uma carta, que Jesus intercedeu por nós junto a seu Pai (Efésios 5:2). Ora, ninguém intervém a si próprio a favor de si mesmo.

Finalizando este texto, vemos o Divino Rabi, já no seu corpo espiritual, dizer a seus discípulos que o Criador havia Lhe enviado (João 20:21), dando uma amostra contundente de que Ele e Deus são duas figuras inconfundíveis.

Tendo tudo isso em vista, achamos que é um absurdo crer-se que o Altíssimo desceu do céu, encarnou-Se em Jesus, morrendo na cruz como vítima a Ele mesmo para expiação dos nossos pecados.

Mas não podemos querer que os leitores pensem como nós. Jesus mesmo disse:

“Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”

(Mateus 11: 15).

Ou seja: acredite quem quiser e puder.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

III. O ponto de vista.

5. A ideia clara e precisa que se faça da vida futura proporciona inabalável fé no porvir, fé que acarreta enormes consequências sobre a moralização dos homens, porque muda completamente o ponto de vista sob o qual encaram eles a vida terrena. Para quem se coloca, pelo pensamento, na vida espiritual, que é indefinida, a vida corpórea se torna simples passagem, breve estada num pai ingrato. As vicissitudes e tribulações dessa vida não passam de incidentes que ele suporta com paciência, por sabê-las de curta duração, devendo seguir-se-lhes um estado mais ditoso.

À morte nada mais restará de aterrador; deixa de ser a porta que se abre para o nada e torna-se a que dá para a libertação, pela qual entra o exilado numa mansão de bem-aventurança e de paz. Sabendo temporária e não definitiva a sua estada no lugar onde se encontra, menos atenção presta às preocupações da vida, resultando-lhe daí uma calma de espírito que tira àquela muito do seu amargor.

Pelo simples fato de duvidar da vida futura, o homem dirige todos os seus pensamentos para a vida terrestre. Sem nenhuma certeza quanto ao porvir, dá tudo ao presente. Nenhum bem divisando mais precioso do que os da Terra, torna-se qual a criança que nada mais vê além de seus brinquedos. E não há o que não faça para conseguir os únicos bens que se lhe afiguram reais.

A perda do menor deles lhe ocasiona causticante pesar; um engano, uma decepção, uma ambição insatisfeita, uma injustiça de que seja vítima, o orgulho ou a vaidade feridos são outros tantos tormentos, que lhe transformam a existência numa perene angústia, infligindo-se ele, desse modo, a si próprio, verdadeira tortura de todos os instantes.

Colocando o ponto de vista, de onde considera a vida corpórea, no lugar mesmo em que ele aí se encontra, vastas proporções assume tudo o que o rodeia. O mal que o atinja, como o bem que toque aos outros, grande importância adquire aos seus olhos. Àquele que se acha no interior de uma cidade, tudo lhe parece grande: assim os homens que ocupem as altas posições, como os monumentos. Suba ele, porém, a uma montanha, e logo bem pequenos lhe parecerão homens e coisas.

É o que sucede ao que encara a vida terrestre do ponto de vista da vida futura; a Humanidade, tanto quanto as estrelas do firmamento, perde-se na imensidade. Percebe então que grandes e pequenos estão confundidos, como formigas sobre um montículo de terra; que proletários e potentados são da mesma estatura, e lamenta que essas criaturas efêmeras a tantas canseiras se entreguem para conquistar um lugar que tão pouco as elevará e que por tão pouco tempo conservarão. Daí se segue que a importância dada aos bens terrenos está sempre em razão inversa da fé na vida futura.

6. Se toda a gente pensasse dessa maneira, dir-se-ia, tudo na Terra periclitaria, porquanto ninguém mais se ocuparia com as coisas terrenas. Não; o homem, instintivamente, procura o seu bem-estar e, embora certo de que só por pouco tempo permanecerá no lugar em que se encontra, cuida de estar aí o melhor, ou o menos-mal que lhe seja possível. Ninguém há que, dando com um espinho debaixo de sua mão, não o retire, para se não picar. Ora, o desejo do bem-estar força o homem a tudo melhorar, impelido que é pelo instinto de progresso e da conservação, que está nas leis da Natureza. Ele, pois, trabalha por necessidade, por gosto e por dever, obedecendo, desse modo aos desígnios da Providência que, para tal fim, o pôs na Terra. Simplesmente, aquele que se preocupa com o futuro não liga ao presente mais do que relativa importância e facilmente se consola dos seus deveres, pensando no destino que o aguarda.

Deus, conseqüentemente, não condena os gozos terrenos, condena, sim, o abuso desses gozos em detrimento das coisas da alma. Contra tais abusos é que se premunem os que a si próprios aplicam estas palavras de Jesus: **Meu reino não é deste mundo.**

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Aquele que se identifica com a vida futura assemelha-se ao rico que perde sem emoção uma pequena soma. Aquele cujos pensamentos se concentram na vida terrestre assemelha-se ao pobre que perde tudo o que possui e se desespera.

7. O Espiritismo dilata o pensamento e lhe rasga horizontes novos. Em vez dessa visão, acanhada e mesquinha, que o concentra na vida atual, que faz do instante que vivemos na terra único e frágil eixo do porvir eterno, ele, o Espiritismo, mostra que essa vida não passa de um elo no harmonioso e magnífico conjunto da obra do Criador. Mostra a solidariedade que conjuga todas as existências de um mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo e os seres de todos os mundos. Faculta assim uma base e uma razão de ser à fraternidade universal, enquanto a doutrina da criação da alma por ocasião do nascimento de cada corpo torna estranhos uns aos outros todos os seres. Essa solidariedade entre as partes de um mesmo todo explica o que inexplicável se apresenta, desde que se considere apenas um ponto. Esse conjunto, ao tempo do Cristo, os homens não o teriam podido compreender, motivo por que Ele reservou para outros tempos o fazê-lo conhecido.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 16 – 01/08/2007

O Consolador – (Thiago Bernardes)

III. O ponto de vista

A alma humana

A visão dos materialistas

1. Antes do Espiritismo, errônea ou muito imprecisa, vaga e confusa era a ideia que se fazia da alma humana.
2. Erradamente considerada como efeito e não causa pelos **materialistas**, estes viam nos fenômenos psicológicos, dela dependentes, apenas o resultado da atividade funcional do sistema nervoso do homem. Um decantado, mas mal compreendido paralelismo psicofisiológico, parecia justificar esse modo de ver, porquanto, lesado o cérebro, ou a medula espinhal, ou os nervos, perturbam-se as funções superiores da consciência, o pensamento lógico, o juízo, o raciocínio, a memória, as sensações e as percepções humanas, instalando-se a demência, os delírios, as alucinações, a amnésia, as paralisias, a afasia, a insensibilidade e mesmo o coma.
3. Os homens de ciência, principalmente os fisiologistas, os psicólogos e os psiquiatras, foram desse modo levados a um erro fundamental, que é inverter os papéis do corpo e da alma, dando primazia àquele que, no entanto, é apenas instrumento da alma para a realização de suas atividades, enquanto encarnada.

A opinião dos vitalistas

4. Os **vitalistas** não cometeram o mesmo erro dos materialistas, mas, equivocadamente, confundiram a alma com o princípio vital da vida orgânica, sem explicar o atributo essencial da alma, que é a consciência individual, resultante da faculdade cognitiva ou inteligente do ser humano.
5. A inteligência nada tem a ver com a matéria, nem tampouco com o princípio vital, que é também substância material, embora sutil e dinâmica, donde emana a força vital, mas não a inteligência e, menos ainda, a razão lógica, o senso moral e todas as faculdades superiores, inexistentes nos outros seres vivos e organizados, vegetais ou animais, pelo menos no grau em que esplendem no homem racional e moral.

O ponto de vista dos espiritualistas

6. Os **espiritualistas**, ao contrário dos materialistas, consideram a alma como um ser real e distinto, causa e não efeito de toda atividade psicológica e moral do homem.
7. Conceituando-a como um ser distinto do corpo perecível e a ele sobrevivente, o espiritualismo clássico incorre, no entanto, no erro de considerar seja a alma criada com o corpo, ao qual se liga durante a vida física e dele se desprende com a morte, para seguir um destino do qual se fazem ideias muito vagas. A reencarnação, ensinada por grandes vultos da filosofia espiritualista, como Sócrates e Platão, não é aceita pelo espiritualismo clássico, que se alinha, nesse ponto, à doutrina da Igreja.

A alma vista pelo Espiritismo

8. Com Allan Kardec e a Doutrina por ele codificada, raiou no mundo a aurora de uma Nova Era, a Era do Espírito, e a conceituação de alma humana recebeu, então, brilhante luz.
9. Eis o que os próprios **Espíritos** ensinaram, no item 134 de “O Livro dos Espíritos”:

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

–Que é a alma?

R. “**Um Espírito encarnado.**”

–Que seria o nosso corpo se não tivesse alma?

R. “**Simples massa de carne sem inteligência, tudo o que quiserdes, menos um homem.**”

10. É admirável no texto referido a limpidez da Doutrina Espírita a respeito do que seja a alma do homem: “**A alma é um Espírito encarnado.**”

11. A alma é, pois, um ser real, individual, independente e autônomo, de natureza puramente espiritual e que tem por destino grandioso progredir sempre, alteando-se cada vez mais em conhecimentos e em virtudes, o que ela logra mediante múltiplas existências corporais, nas quais se depura e se eleva gradualmente, até que, por fim, se liberta totalmente da necessidade de encarnar ao tornar-se Espírito puro.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (item 134.)

O Reformador “Lembrando Kardec”, outubro de 1980.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Elucidações de Emmanuel

Nº 268 – 08/07/2012

O Consolador

III. O ponto de vista

Examinadores

Observando a Terra, **do ponto de vista** espiritual, podemos compará-la a imensa escola, com vários cursos educativos.

O aluno inicia o aprendizado pelo número de matrícula. O Espírito começa o grande estágio carnal pela certidão do berço.

O primeiro ingressa na classe que lhe compete. O segundo é conduzido ao ambiente a que mais se ajusta.

Pequeninos, sorriem no jardim da infância, ensaiando ideias da vida. Almas primitivas, na verdura da selva, adquirem noções de comportamento.

Há crianças, nas letras primárias, dominando o alfabeto. Há irmãos, em lutas menores, penetrando os domínios da experiência.

Existem jovens, nos bancos da instrução intermediária, disputando conquistas mais altas. Possuímos inúmeros companheiros em tarefa importante, marchando para mais elevados conhecimentos.

Contam-se, ainda, aqueles que se ergueram às instituições de ensino superior, buscando a especialização profissional ou científica, de modo a participarem da elite cultural, no progresso da Humanidade.

Vemos, igualmente, corações amadurecidos, a transitarem na universidade do sofrimento, procurando as aquisições de amor e sabedoria que lhes confirmam acesso ao escol da sublimação, na Espiritualidade Vitoriosa.

Assim, pois, se te vês no círculo das grandes aflições ou dos grandes problemas, é que já ascendeste aos centros de adestramento maior para a assimilação de virtudes excelsas.

Recebe, desse modo, os parentes difíceis e os amigos complexos, os adversários gratuitos e os irmãos desafortunados, tanto quanto aqueles que te apedrejam e ferem, perseguem e caluniam, por examinadores constantes de teu aproveitamento nas ciências da alma, por instrutores na luta cotidiana. Cada um deles, hora a hora, te examina o grau de paciência e serviço, caridade e benevolência, perdão e fé viva, bom ânimo e entendimento.

E, lembrando-te de que o próprio Cristo sofreu ironia e espancamento entre eles, no dia da cruz, asserena-te na banca de provas em que te encontras, aprendendo a valorizar, em teu próprio favor, o poder da humildade e a força da compaixão.

Emmanuel, Examinadores, Religião dos Espíritos, (psicografia Chico Xavier), (cap. 43)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

IV. INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: UMA REALEZA TERRESTRE.

8. Quem melhor do que eu pode compreender a verdade destas palavras de Nosso Senhor: “O meu reino não é deste mundo”? O orgulho me perdeu na Terra. Quem, pois, compreenderia o nenhum valor dos reinos da Terra, se eu o não compreendia? Que trouxe eu comigo da minha realeza terrena? Nada, absolutamente nada. E, como que para tornar mais terrível a lição, ela nem sequer me acompanhou até o túmulo! Rainha entre os homens, como rainha julguei que penetrasse no reino dos céus! Que desilusão! Que humilhação, quando, em vez de ser recebida aqui qual soberana, vi acima de mim, mas muito acima, homens que eu julgava insignificantes e aos quais desprezava, por não terem sangue nobre! Oh! Como então compreendi a esterilidade das honras e grandezas que com tanta avidez se requestam na Terra!

Para se granjear um lugar neste reino, são necessárias a abnegação, a humildade, a caridade em toda a sua celeste prática, a benevolência para com todos. Não se vos pergunta o que fostes, nem que posição ocupastes, mas que bem fizestes, quantas lágrimas enxugastes.

Oh! Jesus, tu o disseste, teu reino não é deste mundo, porque é preciso sofrer para chegar ao céu, de onde os degraus de um trono a ninguém aproximam. A ele só conduzem as veredas mais penosas da vida. Procurai-lhe, pois, o caminho, através das urzes e dos espinhos, não por entre as flores.

Correm os homens por alcançar os bens terrestres, como se os houvessem de guardar para sempre. Aqui, porém, todas as ilusões se somem. Cedo se apercebem eles de que apenas apanharam uma sombra e desprezaram os únicos bens reais e duradouros, os únicos que lhes aproveitam na morada celeste, os únicos que lhes podem facultar acesso a esta.

Compadecei-vos dos que não ganharam o reino dos céus; ajudai-os com as vossas preces, porquanto a prece aproxima do Altíssimo o homem; é o traço de união entre o céu e a Terra: não o esqueçais. — Uma Rainha de França. (Havre, 1863.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Crônicas e Artigos

Nº 240 – 18/12/2011

O Consolador – (Oswaldo Coutinho)

IV. Instruções dos Espíritos – Uma realeza Terrestre

Felicidade e Jesus

“Meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, a minha gente houvera combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas o meu reino ainda não é aqui.” (JOÃO, cap. XVIII, vv. 33, 36 e 37.)

Sempre que buscamos Jesus e sintonizamos com o seu psiquismo cósmico, encontramos a felicidade. Felicidade esta que não está nas posses, nos prazeres efêmeros e temporários, que são transitórios, que mudam de situação facilmente e não acompanham o Espírito na sua jornada evolutiva.

Na Terra ainda não conseguiremos a felicidade plena, pois estamos vinculados a um planeta que ainda clama em dores e sofrimentos; onde os próprios Espíritos que nos auxiliam dizem ser um vale de lágrimas devido ao nível espiritual dos Espíritos que aqui se reencarnam, muitas vezes primitivos, com muitas provas e expiações a serem cumpridas.

A felicidade com Jesus está relacionada ao estado de amadurecimento psicológico de entender que a vida não se passa só na Terra e sim em muitas moradas espirituais. Ele asseverou **meu reino não é deste mundo**, mostrando que a felicidade real é aquela conquistada pelo Espírito que soube respeitar e vivenciar as leis de Deus na íntegra, amando a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, e, neste sentido, fazendo ao outro tudo aquilo que gostaria que ele lhe fizesse.

Relembremos o Apóstolo Paulo, que em todos os momentos de sua existência, tanto nos momentos felizes como também nos momentos de sofrimento, permanecia o mesmo, sereno, íntegro, porque compreendia que tudo na vida tem uma razão de ser e que também fazia parte do processo de evolução da criatura humana.

Quando o Mestre convidou o mancebo rico para segui-lo naquela linda tarde em Cafarnaum, mostrando-lhe as belezas e verdades espirituais para que ele pudesse compartilhar do seu banquete celestial, o rapaz titubeou, ficou impressionado com o magnetismo do Mestre, mas, mesmo assim, envolvido pela dúvida, tomou a decisão infeliz e preferiu as festividades que o mundo oferecia nas corridas de Cesareia de Filipo na Decápole, preferindo sintonizar com as posses, os títulos, o poder temporal para, logo mais, em uma corrida de biga, sofrer um acidente e ser destruído pelas patas selvagens dos animais, e então, mais tarde, entre suor e sangue, ser recebido no mundo espiritual por Jesus, que o esperava de braços abertos para que ele pudesse recomeçar a sua jornada e alcançar a sua felicidade espiritual.

A felicidade com Jesus é o estado de plenitude, é o estado dos Espíritos puros que já se desvencilharam das imperfeições grosseiras da matéria e vivem conforme os ensinamentos nobres do Mestre. É o estado de sintonia profunda com o psiquismo cósmico; é o encontro da criatura com o Criador.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

Crônicas e Artigos

Nº 494 – 04/12/2016

O Consolador – (Leda Maria Flaborea)

IV. Instruções dos Espíritos – Uma realeza Terrestre

Parábolas de Jesus: O tesouro escondido e A pérola oculta

O tesouro encontrado e a pérola descoberta representam o ápice do esforço de transformação no bem.

No capítulo 13 do Evangelho de Mateus, encontramos seis parábolas que fazem referência de forma direta ao Reino de Deus. São elas: do joio e do trigo, do grão de mostarda, do fermento, da rede, do tesouro escondido e da pérola oculta ou de grande valor.

No entendimento espírita o Reino dos Céus ou o Reino de Deus, como também é nomeado, indica um estado de alma, um sentimento de plenitude que não é um lugar circunscrito no plano físico ou no plano espiritual.

Nas parábolas, alvo dos nossos comentários, Jesus enfatiza essa felicidade, essa ventura de quem encontra tais riquezas representadas pela pérola e pelo tesouro. E do ponto de vista Dele, isso é tão grandioso e tão pleno, que leva o homem que os encontra a dispor de todos os bens que possua. Em ambas, encontramos o predomínio da transformação espiritual pela aquisição de virtudes. Trata-se de um momento decisivo na vida de cada um de nós, porque estaremos, tratando da modificação íntima, definitiva, no bem, ou a conquista do Reino de Deus.

Trata-se da descoberta da nossa consciência espiritual, da nossa ligação com Deus e das nossas capacidades para vencermos os obstáculos que surgem ao nosso progresso. O tesouro encontrado e a pérola descoberta representam o ápice do esforço de transformação no bem.

E o local onde foram encontrados indica o plano onde desenvolveremos as experiências necessárias para esse crescimento, ou seja, a existência física ou os diferentes planos espirituais. Por isso ambos são comparados, por Jesus, ao Reino dos Céus. Mas, para adquirir o Reino dos Céus o homem precisa se desfazer do Reino do Mundo. Afirma Jesus que o Reino não vem com aparência, exterior.

“A realização divina começará no íntimo das criaturas, constituindo gloriosa luz do templo interno”.

(1)

Qual o significado, nas parábolas, da expressão vender o que se tem e comprar o campo ou a pérola? Significa a **mudança** do homem material para o homem espiritual – o apóstolo Paulo de Tarso refere-se a isso como do **homem velho para o homem novo**. É o desfazer-se dos bens materiais, no sentido de não se dar prioridade a eles, pelos bens espirituais, lembrando que para esse homem materializado, seu tesouro e sua pérola são os bens materiais que conquistou ou que deseja conquistar.

Cairbar Schutel (2) coloca questões interessantes em relação a isso, que precisam ser observadas. Pergunta ele: por que o homem trabalha na Terra? Para que estuda? Por que luta a ponto de matar seus semelhantes?

Responde ele: “para possuir tesouros”! E por essa razão o Mestre foi enfático ao afirmar que o tesouro imperecível é aquele que a ferrugem e a traça não corroem e os ladrões não roubam. **“Quando o homem terreno morre nada leva consigo; mas, o homem espiritual carrega tudo que conquistou”**.

O homem materializado não compreende a Doutrina do Cristo, como não aceita abandonar o que conquistou pela aquisição de algo invisível, impalpável. Ele vive para o reino do mundo e não tem interesse, por ora, no Reino dos Céus. Não compreende que aquele desaparece com a morte física e este permanece com quem o possui.

Para Huberto Rohden, (3) **“quando o homem descobre o Reino dos Céus, não se interessa mais pelos reinos da Terra.”** Assim como a pérola que só revela seu esplendor quando exposta ao sol, a conquista da felicidade plena só é revelada na luz da vida diária.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO II)

É interessante lembrar o ensinamento de Jesus que nos convida a não conservarmos a luz sob o alqueire, mas colocá-la sobre o velador, iluminando caminhos, dando direções.

O que tudo isso quer dizer? Quer dizer que o homem, no nível evolutivo em que se encontra presentemente, precisa sair da superfície do ego (**ser material**) e mergulhar na misteriosa região do Eu Divino (**ser espiritual**).

Essa passagem será, na maioria das vezes, dolorosa, mas o resultado só acontecerá quando e se realizar o autoconhecimento. “Antes de atingir a qualidade do seu Ser, corre o homem atrás da quantidade do ter ou dos teres.

Mas, depois de descobrir o seu Ser qualitativo, torna-se indiferente aos seus teres quantitativos. E quando as circunstâncias o obrigam a possuir certos objetos externos, os possui com estranha leveza e serenidade. Não se fanatiza por eles, nem jamais é dominado por aquilo que possui.

Todos os caminhos estritos e todas as portas apertadas desaparecem em face do jugo suave e do peso-leve de uma felicidade sem limites.”(3)

Para o estimado benfeitor espiritual Emmanuel (4) **“tesouros são talentos que trazemos, independentemente da fortuna terrestre, a fim de ajudarmos aos outros, valorizando a si mesmo.”**

Diz ele que cada um de nós, em nossas atividades, mostramos esse tesouro. Por exemplo: um homem e uma mulher tem no amor o tesouro que constrói o santuário do lar; o professor amontoa tesouros da cultura e inteligência para transmitir a quem quer aprender; o escritor respeitável estabelece tesouros no livro nobre que leva consolação e assegura o progresso. Assim também com o compositor que cria um tesouro na melodia que compõem e encanta quem ouve.

Continua dizendo que é preciso saber o que produzimos, a fim de sabermos para onde nos dirigimos. Fica claro, agora, para nós, o porquê da afirmação de Jesus ao dizer: **“onde guardardes o vosso tesouro, tereis retido o coração”**.

Por essa razão, entendemos que para a redenção das criaturas, de todos nós, está na transformação dos sentimentos. Quando são dirigidos para o bem, são bênçãos para a obra de Deus.

Mas, quando se voltam para o mal, impedem a concretização dos propósitos divinos, principalmente para nós próprios. Torna-se cada vez mais urgente trabalharmos essa ferrugem, porque Jesus nos espera para nos mostrar os tesouros imperecíveis.

Todos nós temos ouvido ou lido sobre a necessidade de transformação das nossas predisposições íntimas. Mas, como proceder?! O conhecimento de si, já o dissemos, é a chave do processo espiritual. É fundamental o autoconhecimento para sabermos: quem sou eu? Qual é a minha obrigação para comigo e para com a sociedade na qual trabalho?

Encontramos um caminho em **O Livro dos Espíritos**, questão 919 quando Kardec pergunta aos Espíritos superiores qual é o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e resistir à atração do mal.

E eles respondem: “um sábio da Antiguidade vo-lo disse: **conhece-te a ti mesmo**”.

Como conseguir o autoconhecimento? O que fazer? Quando fazer? Como fazer? **A questão 919-a** ajuda-nos nessa busca.

Mas, é necessário, sem preguiça e com vontade real de aprender, tirar da estante o livro basilar da Doutrina Espírita e ler, sem pressa, as respostas de Santo Agostinho.

Bibliografia:

- (1) **Emmanuel**, Caminho, Verdade e Vida, psicografia (Chico Xavier), (lição 107.)
- (2) **Schutel** Cairbar, Parábolas e Ensinos de Jesus, (Parte 1, p.11 e 13.)
- (3) **Rohden** Huberto, Sabedoria das Parábolas, (p. 95.)
- (4) **Emmanuel**, Seara dos Médiuns, psicografia (Chico Xavier), (cap. “Tesouros Ocultos”).